



LEGA DI CULTURA DI PIADENA

DEUS NO TELHADO E OS NOVOS ANJOS

FOTOGRAFIAS DE GIUSEPPE MORANDI

25 DE ABRIL A 28 DE MAIO 2012 - RUA DA ACHADA, 11 - LISBOA





**Uma manhã quente acordei e
ao abrir os olhos em frente da
janela do sótão,
normalmente com vista para o céu,
o meu olhar deu com um tipo a
andar no telhado,
louro demais, dourado demais.
nu demais e «abilis» demais.
Desci até ao pátio para
anunciar a boa nova:
«Há um Deus no telhado».**

Piadena, Verão de 1986
Lise Rouillard

DEUS NO TELHADO E NOVOS ANJOS

FOTOGRAFIAS DE GIUSEPPE MORANDI

Os deuses e os anjos acompanham-nos sempre. Mas nem sempre são visíveis, pois a nossa capacidade de os encontrar diminui na vida corrente. Em contrapartida, essa capacidade aumenta nos momentos de ruptura, quando a história muda o seu curso, quando as falhas das velhas concepções se aprofundam, deixando entrever novos horizontes. É pela epifania irradiante de alegria e terror que a novidade se anuncia. Essa epifania atravessa todas as religiões e todas as culturas. A própria modernidade não pode ignorá-la, se não quiser afundar-se no pântano da superstição ligada ao desenvolvimento. Mas que vemos hoje nos interstícios dos muros e nos recintos que emergem de um mundo que divide para melhor controlar?

A exposição de Giuseppe Morandi e da Lega di Cultura di Piacenza propõe duas abordagens: uma, visível, feita de rostos e corpos humanos, a outra, invisível, constituída por excertos de jornais e de publicações da Lega di Cultura. Um murmúrio trágico, não um grito, quase abafado, que acompanha em profundidade o percurso das imagens.

Tal como na famosa canção dos *partisans*, alguém acorda de manhã e vê. Neste caso, não vê o invasor, mas um deus no telhado. Ele desce ao pátio e dá a boa nova. As fotografias de 1985 mostram Emilio Bosio, pedreiro, incarnação de uma beleza antiga, semelhante às obras-primas da arte italiana. A seu lado, Antonio, deus negro vindo do Níger. Morandi viu-o passar de bicicleta, com aquele estranho chapéu na cabeça. Aproveitou esse instante, pediu-lhe autorização para o fotografar e travou conhecimento com ele. Não se rouba a fotografia a alguém. Até os indianos do campo desportivo conhecem Morandi e aceitam a sua curiosidade como um acto de solidariedade. Do seu país, trouxeram o jogo do cricket, nascido na Inglaterra medieval e difundido no século XX em toda a Commonwealth. Esse jogo lembra estranhamente o que outrora era praticado pelas crianças nas ruas de Piacenza, com a bola que caía ao som do grito *Ve!* Esse primeiro painel termina com Jason diante da Cooperativa e com Laprit, jovem indiano. O hino à beleza produz por vezes eco inquietante.

Todas as notícias se referem a dois números do jornal Il Manifesto, apesar de há dez anos estarmos habituados às informações anteriormente inconcebíveis, quando se acolhia os refugiados que transpunham o muro de Berlim e quando se prestava homenagem às vítimas de massacres. Mas as pessoas de cor que hoje desembarcam em Itália não são politicamente correctas: querem apenas fugir da miséria e da fome, não têm alternativa e, de qualquer forma, são muito numerosas. Os naufragos tornam-se anjos engolidos pelas ondas, que nunca porão os pés em terra. Esquecemo-los, contemplando com deleite as fotografias das crianças que crescem à nossa volta: Chiara Pasquali. Acquarnera e Simona Mehta diante de um verde luxuriante; Andrea e Sara Gobbi; os mesmos, com um grupo de crianças de alegria austera, com o seu ar de pioneiros contestatários diante da Sala del Regno, em Medole; Giorgia com o irmão Daniele no quintal da casa. Os sobrinhos de Jagjit, Aariyen e Anckush, e ele próprio na caça ao tigre. De novo Simona com a mãe Puspha Devi, num canto de uma velha quinta.

Que alegria! Que cores! Já em 1962 Pasolini escrevia: «Temos que aceitar a ideia de milhares de crianças negras e mulatas. Crianças de olhos negros e cabelo crespo. Outras vozes, outros olhares, outras danças, tudo isso deverá tornar-se familiar e engrandecerá a terra!»

Cinquenta anos mais tarde, estamos apenas no começo. O jornal e uma tarjeta recordam-nos a tragédia ocorrida na costa meridional e o abismo que nos separa deles. Mas o mundo muda, os nomes perdem o seu privilégio cristão, surgem novas sinergias e novos problemas. A palavra de ordem «integração» claudica. Os «compatriotas» estavam integrados? Não somos todos nós «corpos estranhos» numa sociedade conformista, mas rica em diferenças? Não constituem as culturas singulares o antídoto mais forte à uniformização conformista? Qual será o futuro de Iacopo e de Nina, tão frágeis e sérios na planície delimitada em plano de fundo por uma fila de árvores? Idangela Molinari com os seus sobrinhos, cujos nomes só por si são um programa: Luna e Maria Sol. Se-



guem-se nomes e rostos africanos: Maty Ndiaye e Fatou Sylla. O marido de Ndiaye, Ass Maty, e por fim ele com toda a família (com Awa Cheikh, Xacine).

De novo a narrativa se interrompe. Informações sobre a faixa de Gaza. Ataque com alvo escolhido. Sem piedade. As virtudes militares desaparecem na sociedade moderna. A humildade, a piedade, a compaixão. Como continuar assim? Que futuro? Encaremos a realidade de frente. Em que podemos fiar-nos? Os olhares sérios, alegres, exprimem caracteres fortes. Tommaso Usberti estuda em Siena. Andrea Volpi e Michele Merigo, os garotos de Piadena, e Drizzona, Luca Filattiera e Marco Denti, o homem das pizzas e o jogador de basket, felizes num descapotável. Mas sem ostentação. De novo Luca Filattiera com Andrea Volpi, Maicol Ronda e Marco Denti, quatro amigos que vão a casa de Gianfranco Azzali, onde se corta madeira para a estrutura da festa. Uma festa especial que, todas as Primaveras, reúne centenas de pessoas vindas de toda a Europa, enquanto os bons cidadãos de Piadena, indiferentes a essa festa, passam um domingo igual aos outros.

Bertoletti Lorenzo, filho de agricultor, estuda engenharia. Vemo-lo diante de uma inscrição na parede da casa de Azzali: «Os esplendores que a natureza nos oferece não têm valor económico». Para serem «valorizados» economicamente, não devem «ser gratuitos»: tal é a contradição obsessiva do mundo moderno. Novamente Maicol Ronda com o pai Angelo, Davide Tinazzi, Giovanni Lorenzo, todos a serrar madeira, o que altera o ambiente da casa Azzali e constitui o cenário da festa. Bruno Fontanella, Roberto Seniga e Davide Tinazzi. Gianfranco Azzali, o Miciu, descansa. A estrutura é montada no hangar e Hani, o filho de Jagjit, vem dar uma ajuda. O capítulo termina com David Keefe, ex-marine americano, sobrevivente de uma das guerras do império, que aterrou na casa Azzali para pintar.

A casa Azzali é um porto no meio da grande planície. Todos passaram por lá, intelectuais ou não, todos os que se reconhecem no desejo inquieto de compreender o mundo. Talvez para intervir e agir em consciência. Porquê essa perseguição aos ciganos? pergunta a Lega di Cultura em Maio de 2008. Quem vem do sul do Sudão com Agum? E a filha, Hayat, tem muito que contar sobre as perseguições. E qual é a história desse indiano barbudo com a sua mochila, que Morandi via sempre no cruzamento até decidir-se a fotografá-lo? Kouro K. Antoine, fotografado em Casalmaggiore, também se desloca de bicicleta em busca de trabalho. Balvinder e Jasprit Singh fecham a exposição, Sandeep e Mandeep Singh com as suas bicicletas, diante de um muro de Piadena. Recordo-me de uma célebre fotografia de Morandi, com a palavra PAZ desbotada na parede de uma velha quinta. Os jovens exprimem a mesma coisa. Mas eles são signos vivos. Representam o resto de esperança que existe e que se resume no Elogio da Hospitalidade.

Eis a revolução que estamos a viver: países e aldeias outrora perdidas na sua história milenar explodem como cofres-fortes enferrujados.

A história é violenta e as suas vítimas são sobretudo os imigrantes. Colocá-los a eles e a nós frente-a-frente é o grande mérito desta exposição, que conta a grande riqueza dos seres humanos. Hoje, em Piadena, a mais pequena comuna do vale do Pó é o mundo inteiro que passa diante da casa. Basta saber olhar. Basta libertar o olhar do medo.

Estas imagens foram captadas há 25 anos, 50 anos, ou até mais. Em 1985, em pleno Verão, uma amiga de Giuseppe Morandi vê através da janela um jovem (pedreiro) no telhado. Um deus no telhado, escreverá ela mais tarde (Lise Rouillard).

Morandi voltou a encontrar esse jovem de corpo escultural, renascentista, belo como um deus. Fotografou-o no telhado e depois no campo, criou com ele uma sequência de imagens sem narrativa, gestos mínimos, espontâneos, jogos de luz e sombra, tentou dar a essa personagem um sentido comum a todos. Quatro dessas fotografias são as primeiras da série que apresenta.

Sabemos que o trabalho de Morandi, a sua maneira de contar o mundo, os indivíduos e os corpos através da fotografia e do cinema, começou há muito tempo, por volta de 1956, e que foi imediatamente notado pelo seu olhar extraordinário sobre o mundo camponês. É o tempo do neo-realismo, o famoso livro de Strand e Zavattini sobre Luzzara acaba de ser publicado; Morandi conhece-o, mas já o ultrapassou. Ao lado de Mario Lodi e em seguida de Gianni Bosio, começa, sem «roubar as imagens», como fazem os fotógrafos *engagés*, sem «compor a realidade», como ensinava Zavattini: Morandi restitui aos camponeses a sua imagem real para além da propaganda e da comunicação de massas (e, por conseguinte, de classe) e está mergulhado na sua realidade, que partilha com os seus companheiros da Lega di Cultura.

Quando no final dos anos 70 é editada uma retrospectiva (Os Camponeses, 1979) das suas fotografias, elas são acolhidas como a celebração de um mundo desaparecido. Nas publicações seguintes (Rostos do vale do Pó, e em seguida os ciclos sobre a cidade, os Cremonenses em Cremona, Os de Mântua), o autor confronta-se com as imagens das gerações jovens. Lemos então o trabalho de Morandi como uma actualização, ou como um signo de fractura, de perda. A história da bela Pumatera, Laura Poli, os jovens nos jardins, os culturistas, os frequentadores de bares e de discotecas, sempre mais identificados com os modelos de importação, podiam ser interpretados negativamente, como o signo da decadência de um mundo de valores, de uma perda de identidade. Mas fica claro que o autor não entra nesse jogo, não julga e não procura justificação artística; expõe-se. Essa linha de abordagem, em certa medida, constitui um tema, o catálogo da exposição – corpo de trabalho e corpo de consumo – explica-o bem, e encontramos-lo mais tarde, em 1994-95, em Vigésimo primeiro Verão: durante um ano fotografa um jovem, Giuseppe Puerari. São quase sempre fotografias descontextualizadas, todas elas tiradas de improviso, instantâneos. A entrevista e a restituição dessa experiência não pretendem explicar nada da pretensa condição juvenil, não querem correr o risco do estereótipo, dão apenas e brutalmente (para alguns) uma visibilidade. Em seguida, no final do século, a série – abrindo-se em inúmeros aspectos a essas imagens dos Novos Anjos – sobre o rosto do país no fim do milénio: a minha África.

Não é a retórica nem a lamúria sobre a modernidade espectacular dos centros comerciais e do meio ambiente, mas os rostos e os corpos dos novos camponeses vindos de outras paragens, a nova paisagem humana, o futuro já visível.

Talvez por isso o trabalho da Lega di Cultura di Piadena, de Giuseppe Morandi, de Gianfranco Azzali (o Micio) e dos outros companheiros tenha sido muitas vezes interpretado como uma salvaguarda dos valores passados, de uma cultura identitária votada ao esquecimento (porque a identidade, se não se inscrever no que está vivo, imobiliza-



se em lugares-comuns, forçosamente fictícios, e muitas vezes de má-fé) e não como narrativa de imagens e de reflexão, capaz de reflectir sobre o futuro. É o que nos é dado a ver nas imagens de Morandi, feitas, como é costume, de encontros e de respeito imediato a partir das quais se constrói a narração.

O encontro com Emílio Bosio, o pedreiro que parece ter sido esculpido por Donatello, que começa como se se tratasse de um *casting* para um filme, mas ao contrário: não se trata de contar outra coisa a não ser a realidade, e de dar profundidade a uma existência, para articular uma presença. E as rugas de uma careta numa pausa, aliás perfeita, também contam. Os corpos e os rostos desta narrativa constroem uma paisagem de múltiplas histórias.

O torso nu de Antonio vindo do Níger, isolado num espaço interior, é tão loquaz como o seu retrato de sorriso luminoso e olhar irónico, sob o seu chapéu tipicamente africano. Nas fotografias de Giuseppe Morandi é sempre difícil identificar a encenação: o fotógrafo não dispõe, coloca-se antes à disposição da narrativa, e o controlo da situação e o cenário são arriscados dos dois lados da objectiva. É o que sucede com a equipa indiana de cricket (tudo está contido neste oximoro), onde a arquitectura dos grupos, inspirada nos longínquos cânones da fotografia oficial de campeonato, tenta em vão (felizmente) pôr uma ordem e uma hierarquia na multitude de corpos e de rostos, de vestuário, que se estendem pelos quatro cantos do planeta: esse desporto tipicamente inglês, esses rostos tipicamente indianos com acessórios e camisolas tipicamente americanas, num recanto típico da Itália do norte, choupos e espaços públicos desertos, menos para esses novos habitantes. Ainda mais evidente, o jogo da narrativa estereotipada e dúbia entre homens e mulheres, a meio caminho entre mostrar-se e esconder-se, revelado pela arte cúmplice do fotógrafo. Essas fotografias são muito claras para desatar o fio da dialéctica entre integração e individualidade, entre necessidade de ser aceite e de afirmar uma individualidade irreductível (o rapaz com o *piercing*, ser perturbante e

tranquilizador, pertencer simultaneamente a uma comunidade interplanetária jovem), atitude comum a todos os adolescentes do mundo, e provavelmente a todos os que os rodeiam – estrangeiros no lugar onde vivem. Mas talvez a história seja ainda mais eficaz quando se move sobre fios mais subtis, veja-se como estão próximos Chiara Pasquali e Simona Metha, as crianças Sara e Andrea e as outras, vestidas para a festa com a elegância da sua comunidade, ligeiramente deslocada em relação à que é hoje dominante. E os pares de crianças (um futuro que virá ainda mais tarde) Giorgia e Andrea, habituadas (isso vê-se) a fazer pose, e Aariyen e Ankush, para quem aquilo é um jogo. A paisagem desse futuro desenha-se com as linhas da relação de confiança estabelecida entre o fotógrafo e o fotografado que inevitavelmente convida aquele que olha, e a certa altura esquece-se o exotismo, a não ser como apelo jocoso: Jagjit Rai Metha, como um indígena de um romance de Salgari na floresta de choupos no rio Oglio, que poderiam ser tigres.

Compreendemos pouco a pouco todas as histórias que essas imagens contam, em tomadas de vista em que não há encenação, em que nada ou quase nada acontece: uma narrativa feita de pausas, de encontros de amigos, às vezes de segmentos de histórias anteriores, nos grupos: a fotografia de Idangela Molinari, o militante Angelo Ronda com o filho, Maicol e os jovens que trabalham com Peto, Fontanella, o Micio. Em Piacenza adoptam-se crianças vindas de longe, como David Keefe. Vê-se um jovem a pintar (já pintava o rio Maine, onde pescava com o pai, nas margens angustiantes onde montes de peixes mortos flutuavam à tona d'água), e que foi oficial dos *marines* no Iraque. O facto de o saber dá uma dimensão diferente a esta história de anjos. As crónicas, os discursos políticos (que se podem ler nos jornais e nas publicações da Lega di Cultura) sempre perspicazes, contarão como estes novos anjos, de bicicleta, quiçá perdidos num cruzamento, adormecidos nos bancos do Listone, ou encostados a uma parede, não constituem uma fábula com um final sempre feliz, mas um futuro – que lhes devemos – de que tantas vezes são vítima.

PAOLO BARBARO
Agosto de 2011



CATÁLOGO

- 1.2.3.4. Emilio Bosio, Piadena
- 5.6.7. Antonio Níger, Piadena
8. Equipa de cricket, Piadena
9. Indianos num campo desportivo
10. Equipa de cricket, Piadena
11. 12. Jason, Piadena
13. Laprit, Piadena
14. Chiara Pasquali, Acquanegra sul Chiese
15. Simona Menta, Piadena
16. Andrea e Sara Gobbi Piadena
- 16 bis. Sara Gobbi Piadena
17. Etan, Samuel, Sara, Andrea, Alice,
Gabriele, Sala dei Regno, Medole
18. Giorgia e Daniele Maffina, Piadena
19. Aaryian e Ankush Bains, Piadena
20. Jagjit Rai Mehta, Piadena
21. Simona Mehta e Pusha Devi, Piadena
22. Jacopo Norros e Nina Guameri,
Pontirolo di Drizzona
23. Idangela Molinari com Luna e Maria
Sole, Piadena
24. Luna e Maria Sole, Piadena
25. Maty Ndiaye e Fatou Sylla, Pidena
26. Ass Maty, Piadena
27. Ass Maty, Ndiaye, Awa Cheikh, Xacine,
Piadena
28. Tommaso Usberti, Piadena
29. Andrea Volpi e Michele Merigo,
Pontiolo di Drizzona
30. Michele Merigo, Pontirolo di Drizzona
31. Luca Filattiera e Marco Denti,
Pontirolo di Drizzona
32. Luca Filattiera e Marco Denti, Pontirolo
di Drizzona
33. Luca Filattiera, Andrea Volpi, Maicol
Ronda e Marco Denti, Pontirolo di
Drizzona





34. Bertoletti Lorenzo, Pontirolo di Drizzona
35. Maicol e Angelo Ronda, Piadena
36. Davide Tinazzí, no bosque do Micio, Pontirolo di Drizzona
37. Giovanni Lorenzo, no bosque do Micio, Pontirolo di Drizzona
38. Giovanni Lorenzo e Davide Tinazzi, no bosque do Micio, Pontirolo di Drizzona
39. Bruno Fontanella, Roberto Seniga e Davide Tinazzi, no bosque do Micio, Pontirolo di Drizzona
40. Miciu-Gianfranco Azzali, Pontirolo di Drizzona
41. Pontirolo di Drizzona, preparação da festa da Lega di Cultura
42. Hani William Menta, Pontirolo di Drizzona
43. David Keefe, Pontirolo di Drizzona
44. Quadro de David Keefe, Pontirolo di Drizzona
45. Agum e Hayat (Sul do Sudão), Piadena
46. Agum e Hayat (Sul do Sudão), Piadena
47. Indiano de Drizzona
48. Kouro K. Antoine, Casalmaggiore
49. Balvinder e Jasprit Singh, Sandeep e Mandeep Sing, Piadena

O corpo é uma coisa fascinante. A mim não me interessam os tijolos nem as pedras, a mim interessam-me as pessoas, e o seu viver, como são feitas, que caras têm, que braços têm, que pés têm. Como se representam, como agem.

É um mistério o corpo, qualquer coisa que deve ser escondida. Como esconderam os nus de Miguel Angelo na Capela Sixtina. E depois aqueles corpos proletários são os mais corrosivos, os mais provocantes. São os que agridem mais, onde o mistério é mais forte. Pasolini tinha razão. O mistério está no imprevisível, em não poder imaginar-se como aquele corpo é usado, como é amado, como pode amar.

Como diz Giovanni Usberti, os pedreiros são os últimos trabalhadores ainda belos. Trabalham ao ar livre, no verão despem-se, são bonitos de ver. Os outros estão fechados nas fábricas com luz artificial. Como eram bonitos de ver os camponeses, mesmo quando destruídos pelo trabalho. Os pedreiros ainda têm gestos originais, os de há milhares de anos, enquanto em todo o lado mudaram os gestos condicionados pela máquina, pelo negócio. Até o padeiro mudou de gestos.

GIUSEPPE MORANDI

GIUSEPPE MORANDI

De origem camponesa, nascido em 1937, em Piadena, uma aldeia da Planície do Pó, perto de Cremona, Giuseppe Morandi, sem nunca ter deixado de ser dactilógrafo na Câmara de Piadena até se reformar, começou, em meados dos anos 50, a filmar e a fotografar aquilo que conhecia bem: a vida dura do campo e os camponeses que aí viviam. Tratava-se de lhes restituir uma dignidade perdida. Vieram mais tarde as fotografias de imigrantes que, em tempos de decadência da agricultura, os substituíam. Também escreveu novelas no dialecto da sua terra. E fundou, em 1967, com vários companheiros, a Lega di Cultura di Piadena.

Em 1956 faz a sua primeira curta metragem, *IL PASTURIN*. Seguem-se outros documentários. Entre eles: *MORIRE D'ESTATE* (Morrer de verão) sobre um rapaz afogado no rio, *CAVALLO CIAO* (Adeus Cavalo), sobre como se mata um cavalo, *EL CALDERON*, sobre uma grande casa rural abandonada. O último, de 2008, *IL COLORE DELLA BASSA*, sobre a nova realidade do trabalho na planície do Pó.

Mas Giuseppe Morandi é mais conhecido pela suas fotografias, publicadas em vários livros-catálogos. Morandi fotografou sempre nos mesmos lugares e muitas vezes as mesmas pessoas. A sua obra, de grande rigor estético, é também um testemunho das transformações sociais ocorridas nos últimos cinquenta anos em Itália, nomeadamente na planície do Pó.

Não é a primeira vez que é possível ver fotografias de Giuseppe Morandi em Lisboa. Em 1996, a Associação Abril em Maio organizou duas exposições simultâneas: «Quem trabalha a terra na Baixa Padana», na Galeria da Mitra da CML, e «Ventunesima Estate» na Galeria Zé dos Bois. Ambas circularam durante um ano por várias terras de Portugal, incluindo os Açores. Mais tarde, a exposição «La mia Africa» esteve patente na Associação Abril em Maio, em Lisboa, e também na ACERT, em Tondela.

EXPOSIÇÕES

- **La cascina muore al Vho** Piadena , 1964 Berkeley, San Francisco, 1984
- **Cavallo Ciao** Piadena, 1967
- **Un altro paese: Orgosolo** Piadena, 1972
- **La cascina cremonese** (com Luigi Ghisleri) Cremona, 1975, Cambridge, 1990
- **I Pisan** Cremona, 1979, San Benedetto Po, 2005
- **Volti della Bassa padana** Cremona, 1984
- **La maialatura** Mântua, 1984
- **Cremonesi a Cremona** Cremona, 1987
- **Quelli di Mantova** Castiglione delle Stiviere, 1991
- **Gesichter der Poebene**, Postdam, 1992, Berlim, 1993
- **Ventunesima estate** Commessaggio, 1994, Piadena, 1996, Lisboa, 1996, várias terras portuguesas, 1997
- **Quem trabalha a terra na Baixa Padana (1948/85)** Lisboa, 1996, várias terras portuguesas, 1997
- **O Donna, Donna** Piadena, 1997, 2002
- **La mia Africa** Cremona, 2002, Lisboa, 2002, Cavezzo, 2004-2005
- **Il sogno retorna** Piadena, 2002, Parma, 2004, Cavezzo, 2004-2005, Cremona, 2011
- **Piadena e altrove** Piadena, 2005
- **Arti, Volti e Mestieri in Bassa Padana** Pavia , 2006, Milão, 2006
- **An Italian Sense of Place** New Jersey, 2008
- **Dio sul tetto e i nuovo angeli** Piadena, 2011, Montreuil, 2011

DOCUMENTÁRIOS

- **El Pasturin** 1956
- **Inceris li barbi** 1964
- **Morire d'estate** 1957
- **El Vho** 1966
- **La giornata del bergamino** 1967
- **Jon, du, tri, quater sac** 1967
- **L' Amadasi la massa l'och** 1967
- **Tonco, la festa del tacchino** 1967
- **Cavallo ciao** 1967
- **Baratieri el massa el animal** 1966
- **El Calderon** 1991 (reunidos em **I Pisan** 2001, ed. Cinemateca de Bolonha)
- **Il Colore della Bassa** 2008

LIVROS DE FOTOGRAFIA

- **I Pisan**, Milão, 1979
- **Volti della Bassa padana** Milão, 1984
- **Cremonesi a Cremona** Milão, 1987
- **Quelli di Mantova** Milão, 1991
- **Gesichter der Poebene** Berlim, 1992
- **Ventunesima estate** Cremona, 1994
- **Quem trabalha a terra na Baixa Padana (1948-85)**, Lisboa, 1996
- **Uomini, terra, lavoro** Milão, 1999
- **La mia Africa** Milão, 2001
- **Vecchi e nuovi volti della Bassa padana** Milão, 2011

NARRATIVAS

- **La proprietaria del morto** Trieste 1991
- **I bergamini** Trieste 1994 (com Piero del Giudice)
- **Spoletto 1964 - Bella Ciao - Il diário**, Piadena, 1965, Sesto Fiorentino, 2012.

A LEGA DI CULTURA DI PIADENA

A Lega di Cultura di Piadena é uma associação, fundada em 1967, no norte da Itália, por camponeses e operários de aldeias próximas Piadena: Eugenia Arnoldi, Gianfranco Azzali, Pierino Azzali, Mauro Barbiani, Eugenio Camerlenghi, Gioietta Dallo, Giuseppe Morandi, Bianca Ruffini, Giuliano Seniga, Valerio Seniga, Enrico Tavoni. Financia-se a si própria e sempre teve a sua sede na casa da família Azzali, na aldeia de Pontirolo di Drizzona.

À porta, escrita numa parede, uma frase de Keynes: «Destruímos a beleza da paisagem porque o esplendor da natureza, livremente disponível, não tem nenhum valor económico. Seremos capazes de acabar com o sol e as estrelas porque não pagam dividendos.»

Nos Estatutos, de 1977, reivindica a herança das ligas de resistência camponesa nascidas nos finais do século XIX, independentes de partidos e sindicatos.

A Lega tem dois objectivos principais: pesquisar, recolher, elaborar e discutir os materiais culturais das classes trabalhadoras e fazer a sua difusão, através de publicações, encontros, debates e outras formas de comunicação; intervir sobre a condição local das classes trabalhadoras, não só com documentos, mas através da discussão e de propostas que transformem a condição operária e camponesa, também em colaboração com outras organizações democráticas.

A propósito do trabalho de recolha, o Presidente, Gianfranco Azzali (Miciu), filho de Genia (Eugénia Arnoldi, figura tutelar da Lega) e Pierino, ordenhador de vacas primeiro, metalúrgico a seguir, fundador de uma cooperativa de emprego de mulheres, agora reformado, esclarecerá mais tarde: «[A recolha] está a ficar na moda, toda a gente vai pesquisar [canções, textos], e depois publicam as pesquisas que fazem, mas com um método segundo nós bastante errado: tiram daqui, tiram dali, puxam para baixo, puxam para cima, e fazem aparecer o discurso deles. Mas o discurso do operário nunca aparece. O nosso método é outro porque acreditamos que os operários também têm o direito de dizer o seu pensamento, certo ou errado, têm a possibilidade de o dizer e de poder publicá-lo.»

A Lega editou séries de «Cadernos», alguns chamados «Cadernos de intervenção». Só um é uma recolha de canções: «Va' va' varol - Antologia da canção de protesto italiana acrescida de uma escolha de canções de Piadena». Vários documentam momentos históricos da luta dos trabalhadores: 1915, 1943, 1948, 1949...; outros documentam a actualidade: «Dois operários falam da ocupação da Cova», «Movimento estudantil 1968», «Operários da Fiat de Turim e da Tiat-Om de Brescia e os 35 dias na Fiat», «Para viver de pé – greve da vida de alguns presos políticos à espera de julgamento.», «A liga. Dez anos de actividade das ligas de cultura e dos grupos de Cremona e Mântua»; outros descrevem e/ou propõem: «A condição dos ordenhadores», «O intelectual ao contrário» (de Gianni Bosio), «O operário cortado ao meio», «Metalomecânicos, sindicatos e partido», «Quem tem cabeça está sujeito à tina», «Alternativa de base em Piadena» (de Giuseppe Morandi), «A terra a quem a compra», «Justiça, terrorismo e regime democrático», «Cultura e guerrilha» (de Amílcar Cabral).

E, para além da narrativa em dialecto de G. Morandi, «A proprietária do morto», a Lega publicou a recolha de 30 anos dos comunicados, panfletos e cartazes que fez: «O Muro de Piadena» (1977).

Fundamental nesta sua actividade de «pesquisa e recolha» tem sido o trabalho fotográfico e filmico de Giuseppe Morandi. Praticamente todas as suas exposições foram organizadas e montadas pela Lega di Cultura.

Da Lega faz parte também um grupo de cantores de Cavaltone e Piadena - I Giorni Cantati - que divulga um grande repertório de canções populares italianas, algumas pouco conhecidas.

Dois momentos foram marcantes no trajeto da Lega di Cultura: um logo no seu início, Maio de 68 (Miciu: «Uma outra coisa que modificou muito a nossa situação foi a relação com os estudantes, as três assembleias que fizemos em Piadena entre o Movimento Estudantil e os operários, em 68.»), outro a chegada dos imigrantes. «Se nos anos 60, os últimos “indianos” eram os *paisán*, os assalariados agrícolas, a cuja categoria eu pertença e que fiz o possível por documentar com imagens e com o meu testemunho, actualmente o nosso interesse maior é por estas populações, por estes trabalhadores que vêm de outros mundos.» (G. Morandi).

De há uns anos para cá, além das exposições de fotografia de Morandi, a grande actividade da Lega é a sua festa anual, num domingo de Março, que reúne mais de 1500 pessoas e muitos grupos musicais, vindos de todos os cantos de Itália e de alguns outros países: Alemanha, França, Espanha, Portugal, Estados-Unidos por vezes... Come-se, canta-se, fala-se. O Coro da Achada tem participado.

No sábado anterior à Festa, um debate. Eis os temas dos últimos anos: «Apropriar-se do mundo?», «A vaca é sábia», «A água», «Que vem a ser a democracia?», «A recolha», «Quem vive ainda a utopia», «A Comuna de Paris», «O decrescimento», «Emigração/ Imigração», «Para que serve o canto popular?», «Os 50 anos do Novo Cancioneiro Italiano».

«Na Lega di Cultura não há muito dinheiro. O que nos mantém unidos é uma grande humanidade, uma grande humanidade entre nós. E também uma grande curiosidade.» (G. Morandi)